

Movimento contra a recessão

ALLEN HABERT

A continuar a atual situação de queda da produção industrial e de serviços no País, chegaremos à taxa de 10% de desemprego dentre os que possuem carteira assinada, isto é, cerca de 23 milhões de assalariados. Será ultrapassada a taxa de desemprego da última recessão, de 1981/83. A economia informal, responsável pela absorção de 43% da força de trabalho, foi bloqueada e a primeira a desempregar em grande velocidade a partir do final de março.

Não se pense que este fenômeno só atinja os trabalhadores de baixa qualificação. Invade todo o perfil da mão-de-obra, incluindo os setores técnicos e de nível universitário. Engenheiros, arquitetos, geólogos, psicólogos, pesquisadores, tecnólogos e técnicos estão engordando as estatísticas da recessão. A desmobilização de equipes técnicas qualificadas já vem ocorrendo há mais de um ano, fruto da brutal queda dos investimentos produtivos. O Plano Collor tornou ainda mais aguda a tendência e explicitou melhor a crise. Esse é o maior sinal de que o País deixou de possuir um projeto estratégico enquanto Nação. Uma sociedade que despreza o conhecimento e o saber, a duras penas adquiridos, como enfrentará a batalha do desenvolvimento industrial, agrícola, mineral e tecnológico?

As entidades representativas dos profissionais ligados à engenharia, informática, arquitetura,

agricultura, economia, geologia, saúde e ciência estão se reunindo a fim de discutir alternativas para reverter esta situação e lançam publicamente a Frente dos Profissionais Contra a Recessão. O local escolhido, a Câmara Municipal de São Paulo, funciona como símbolo da necessidade de incentivar o Poder Legislativo a ter mais iniciativa e ousadia neste delicado momento. O Congresso Nacional deve ser um fórum privilegiado de negociações das propostas anti-recessivas que a sociedade organizada já começa a oferecer.

Sete propostas iniciais foram apresentadas ao governo, em todos os níveis, por esta frente de 50 entidades da sociedade civil, para que sejam imediatamente postas em prática. Vão desde a necessidade de investimentos prioritários imprescindíveis, passam pela urgência de uma reforma do sistema financeiro nacional e reivindicam imediatos recursos para a ciência e tecnologia. Por fim, conclamam a sociedade para a mudança de nosso modelo econômico, perverso e excludente.

Além das evidentes responsabilidades do governo federal na reversão deste processo recessivo, provocado fundamentalmente por sua visão ortodoxa de combate à inflação, cabe aos Estados e municípios uma significativa parcela de participação, a

fim de reduzir ao mínimo os efeitos catastróficos desta situação. O governo estadual paulista e a Prefeitura de São Paulo deram demonstrações positivas de que muita coisa pode ser feita. A recessão só será vencida se for criado um campo de forças políticas e econômicas interessadas em induzir o desenvolvimento. Assistir a tudo isto de camarote não ajuda ninguém. Ao contrário, corrói a cidadania, a democracia e deixa instaurar as regras de desespero social e da violência pela justa sobrevivência.

Não à recessão! Resistir-lhe é o primeiro mandamento — não deixar as coisas piorarem, em todos os níveis. O segundo é saber que todos têm, ou devem ter, uma contribuição para derrotá-la.

Nas últimas semanas verificou-se que a sociedade começa a responder positivamente. Houve mobilizações contra as demissões, greves por reajustes salariais, acordos de intenções entre empresários e sindicalistas. Foi criado o Fórum Permanente de Avaliação da Conjuntura Econômica do ESP, com a participação de empresários, sindicalistas e secretários de Estado, com o intuito de propor medidas exequíveis anti-recessivas. Constituiu-se a Frente Nacional pela Democracia e Contra a Recessão, tendo como eixo principal a limitação das medidas provisórias e um compromisso de valorização do Parlamento, formada por entidades representativas, empresários e trabalhadores.

Ainda estamos na fase do desenvolvimento de ações parciais, por segmentos. Na política, as coisas se passam assim. Nada nasce grande e acabado, principalmente quando a crise atinge de forma diferenciada os diversos setores da sociedade. Chegará o momento da mudança de qualidade do movimento anti-recessão. Não está clara a forma como isso ocorrerá. As forças sociais, as entidades e os sindicatos não podem ser isolados. Os partidos políticos, o Congresso Nacional e o Judiciário devem exercer uma ação propulsora global. As próximas eleições devem servir de conduto mobilizador para enfrentar a dispersão. Os candidatos têm um papel decisivo.

É possível sair desta crise com um projeto de desenvolvimento nacional e soberano para a década. Discuti-lo e disputá-lo desde agora ajuda a concretizá-lo.

□ Allen Habert é diretor da Federação Nacional dos Engenheiros

**É primordial
não
deixar que
as
coisas piores**

